

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 66

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 22 de Fevereiro de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. N. Pina Guimarães
Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesse
R. DE PAIO GALVÃO

REGULAMENTAR-SE-Á O JOGO?

Dêsde que no Senado se en-
cetou a discussão sobre o pro-
jecto relativo á regulamentação
do jogo, muita gente pergunta,
entre pasmada e curiosa, se efec-
tivamente será aprovada essa
medida que não poucos reputam
imoral, embora da sua adopção
possam resultar alguns benefi-
cios materiais.

Já no tempo do decaído regi-
men houve quem pensasse na
regulamentação do jogo. Apoia-
vam-se os partidários dela neste
formidando argumento: não sen-
do possível extinguir por com-
pleto o vicio de jogar, a despei-
to dos maiores esforços que a
autoridade empregue nesse sen-
tido, é de vêr que se impõe a
sua regulamentação. Criar-se-ia
assim uma bela receita, que
deveria destinar-se a qualquer
fim de reconhecida utilidade so-
cial.

Quer dizer: o jogo de azar,
cujo vicio é condenavel por to-
dos os principios, pois nem um
só ficará de pé ainda que o ar-
guente, partidario desse jogo,
seja o homem mais habil do mun-
do, passaria a ser uma das co-
lunas que sustentam o vasto edí-
ficio social, concorrendo para o
embelezar e engrandecer!

Com o andar dos tempos, pelo
visto, o argumento não sofreu a
menor modificação. E tanto isto
é certo que, não só torna a
falar-se da regulamentação do
jogo, mas até já está em discus-
são no Senado o respectivo pro-
jecto.

Pois, quanto a nós, regula-
mentar o jogo é sancionar o vi-
cio, licenciar o crime.

Convimos em que não será
jamais possível ordenar ao vicio
que acabe, que não prosiga na
sua desordenada carreira, per-
vertendo e infeccionando de mo-
do a causar estragos de toda a
ordem, fisicos e morais; porém,
estamos certos de que é possível
fazê-lo estacionar e daí diminuir
de intensidade, dèsde que uma
fiscalisação séria e rigorosa se
exerça para esse efeito. Porque,
digamo-lo com a franqueza que
nos caracteriza, o vicio do jogo,
em Portugal, não tem decrescido
sensivelmente porque as autori-
dades nunca fizeram uma rigo-
rosa, séria e perseverante fisca-
lisação.

E não seria relativamente
satisfatório vêr-se que o jogo,
mercê da integral observância
dos preceitos proibitivos, de-
crescia?

Toda a gente sabe muito bem
quão pernicioso tem sido a cen-
tenas de individuos o jogo de
azar. Póde asseverar-se que lhe
cabem as responsabilidades do
maior numero dos grandes ma-
les que se tem desenrolado á
nossa vista e cuja enumeração
será desnecessario fazer-se.

A cidade de Guimarães já tem
que registar no capitulo *Des-
graças*, da sua historia, muitos
casos—e alguns tristissimos—
que comprovam o que dizê-
mos.

Portanto, agora que está em
discussão o projecto de regula-
mentação do jogo, é indispensa-
vel que todos se unam para o
combater, evitando-se dêste mo-
do que êle obtenha aprovação
por parte dos representantes do
povo.

Têmos aqui agremiações que
pódem e devem fazer ouvir a
sua voz no Congresso Nacional,
em sinal de respeito mas firme
protesto contra a regulamentação
do jogo. Outras terras, tal-
vez menos atacadas pelo vicio
da jogatina, se tem já manifesta-
do no sentido que apontamos.

Acabe-se com a aventura do
jogo de azar, em virtude da qual
o caracter de muitos individuos
é tentado á desgraça, ao crime,
de que directamente vem a so-
frêr o louco aventureiro, e, indi-
rectamente, toda uma sociedade
que carece de seguir novo ru-
mo.

Mas se, como já dissémos, não
póde acabar-se de vez com a
loucura desse jogo, envidem-
se todos os esforços, mas es-
forços sérios, honestos, para o
reprimir o mais possível.

A força ainda será capaz de
evitar, como um bom quinino,
o recrudescimento dessa febre
que póde matar.

Conseguido isso, isto é, che-
gando-se a ter como certo o es-
tacionamento da doença, quem
sabe lá se, contra todas as pre-
visões pessimistas, não será pos-
sível a cura radical dum sem
numero de doêntes?...



Missão Agrícola

Passou a funcionar na fregue-
zia da Costa esta escola de ensi-
namentos práticos sobre a lavou-
ra. Em Santa Eulalia de Fermen-
tões, onde ultimamente prelecioná-
ra ensino o seu inteligente di-
rector sr. David Leonardo Nunes
da Motta, de justiça é consi-
gnar aqui as atenções dispensa-
das á missão pelo rev. padre Jo-
sé Fernandes, fazendo este a
apologia e estimulando, pela cate-
quese, o espirito roncero do tra-
balhador do campo, seus paro-
quianos.

«O beijo medroso, esquivo,
Que alguém no teu rosto poz,
Ficou enterrado vivo
Em carmim e pó d'arroz.»

Dominó vermelho

Simpatica e humana é a can-
ceirosa tarefa que, todos os anos,
nos dois dias de carnaval, um
modesto cidadão se propõe e lan-
ça na colheita de donativos, os
quais destina á indigencia enver-
gonhada. Encarecer tal beneme-
rência é supérfluo, pois nem de
outro reconhecimento o acto ou o
anonimo que o pratica precisa
alem da satisfação pelas lagrimas
que enxuga a tanta miseria con-
fortada.

«Oscila o teu coração
Como um pendulo certoiro.
Entre as modas da estação
E as «vitrines» do joalheiro...»

Da adoração ao insulto

Esse idolo tão querido e feste-
jado que, galgando as fronteiras
como qualquer Attila, havia de
restaurar a monarchia e os jesui-
tas em Portugal, numa manhã de
nevóeiro, e que tantas esperanças
alimentava nas *eternas luminá-
rias* que vão adiando a sua adesão
confiados na sempre transferida
e *irrevogavel* incursão, já é insul-
tado colericamente pelos moder-
nos sebastianistas.

—Que vá para o Diabo o Cou-
ceiro!—dizem eles desanimados—
Nem ao menos soube aproveitar
agora a grêve de Lisboa!...

Paciência, amigos: Lá dizia, co-
mo bom filósofo, o velhote do
burro de Vinhais:—«Viva o que
tiver mais força».

Porque anceiam ainda, depois
da ultima... e tão concludente
prova? Pelo rato que hade parir
a *tais* montanha do caso picaresco
de Douvres?

Pelo bom tempo?
Insignes pataratas!

«Quando falaste em casar
Certa noite ardente, escura,
Deitaste sem o pensar
Agua fria na fervura.»

Belezas!

Oferecemos aos Jeremias da
expulsão e mais da separação, os
fervorosos adeptos do regimen
monarquico-jesuitico-miguelista, o
capitulo VI da *Monita Secreta*—
Instruções secretas dos jesuitas
Prefaciadas por J. Carrilho Vi-
deira—Lisboa—1881, na parte
que trata *Da maneira de con-
quistar as viúvas ricas*, que se-
gue o capitulo da conquista de
principes e grandes senhores:

«Escolham-se para este fim padres
avanzados em idade, dotados de tem-
peramento vivo e agradável conversa-
ção, que visitem estas viúvas e para
logo que descubram nelas alguma afei-
ção á *Sociedade*, ofereçam-lhe os meri-
tos e obras da *Sociedade*; se elas os
aceitarem e principialem a visitar as
nossas egrejas, proporcione-se-lhes um
confessor que bem as dirija, com o fim
de conservá-las no estado de viuvez,
falando-lhes das suas vantagens e pon-
derando-lhes a felicidade que te-
rão, prometendo-lhes como certo e até afir-
mando-lhes que desta forma elas terão
um merito eterno e um meio eficaz de
evitar as penas do purgatorio.

«O confessor procederá de modo
que faça pronto voto de castidade, por
dois ou tres anos ao menos, a fim de
fechar por completo a porta ás segun-
das nupcias; feito isto deve impedir-se-
lhe a convivencia com homens e que
se não distraia nem com os seus pa-
rentes, nem com os seus amigos, sob o
pretexto de mais estreitamente a unir
a Deus. Quando chegue este caso deve
suavemente induzir a viúva a que faça
boas obras, e sobretudo dê esmolas,
sempre debaixo da direcção do seu pa-
dre espiritual, pois importa que se
aproveite habilmente a disposição espí-
ritual; as esmolas mal empregadas são
muitas vezes a causa de diversos pec-
cados, ou os alimentam, de sorte que
pouco fructo se tira delas.»

Falam por nós os casos estron-
dosos de Camarido e Castelo Bor-
ges e mais a agencia de casamen-
tos ricos com promessa de do-
tação generosa ao reverendo
explorador do aureo filão.
Que *sinceridade* e que marôtos!

«Tive-a durante uma hora.
Levei anos par a ter.
O resto da vida, agora,
E' para me arrepender!»

Subscrição «publica»?

Constituiram-se em comissão os
alunos que frequentam a Escola
Industrial Francisco d'Holanda,
desta cidade, enviando circulares
ao publico pedindo-lhe donativos
para, com o auxilio deles, levar a
efeito uma exposição de traba-

lhos em 3, 4 e 5 de Agosto.
Pensam e projectam desta ma-
neira os alunos da Escola Indus-
trial «levantar ante os seus con-
cidadãos o nome outrora glorioso
dêste estabelecimento de ensino.»
Apreciavel é esta iniciativa, sem
dúvida, pois que, quando outro
beneficio uma tal manifestação de
vida não representasse, ela servia,
já agora, pelos termos expressos
na referida circular, a confirmar
o que toda a gente tristemente
deplora—que é a decadencia a
que aquilo chegou—decadencia
contra a qual absolutamente nada
opôs a directoria daquela escola,
o que, por certo modo, mais vem
salientar o esforço da comissão
dos seus alunos.

Sómente nos queria parecer
que, em boa doutrina, devia a
subscrição cingir-se unicamente
aos professores. Pois não acham
que seria isso um bom exemplo?

«—Porque amas tu essa mulhet?!
—Porque é que a amo? Sei lá!...
Quem não encontra o que quer
...Contenta-se com o que há.»

Fitas fixas

Emiliano & Menezes, do Cine-
matografo, ofereceram uma sur-
presa na noite de terça-feira á
grande concorrência do seu es-
pectaculo, com programa farto e
de bom gosto, constituindo esse
imprevisto na aparição, no pano
branco, de certas *personas* conhe-
cidas neste meio. Tambem ali
fômos focados, o que é destaque
a que a simpatia dos emprezarios
não nos quiz poupar.

Muito bem. Sómente devem de
concordar que semelhante atitu-
de,—nós agarrados a uma quaren-
tona!—é posição algo comprom-
etedora para... o socego das
familias. Bom será, já agora, que
tais fitas fixas não sejam postas
em movimento.

Seria o desconceito final.

«Eu conheço a falsidade
Desse teu romanticismo.
Limpa os olhos. A humidade...
Agrava-me o reumatismo.»

Não os lamenteis sem lhes dei-
xardes o vosso óbulo!

Na vizinha povoação
das Taipas há uma fami-
lia pobrissima composta
de 3 filhos cégos. Um
destes, e a pedido da co-
missão parochial da lo-
calidade á Camara, vai
ser admitido no Instituto
Branco Rodrigues, do
Porto. Pede-se para os
outros desgraçados uma
esmola.

José Pinto Teixeira de Abreu 25000

Uni-vos, quotisai-vos, trabalhadores!

MUTUALISMO OPERARIO

"Faze constantemente aos outros o que em igualdade de circunstancias quererias receber deles."

E' de Proudhon esta maxima de doutrina positiva e que o homem, nas diversas fazes da sociedade porque tem passado, realiso e pôz em pratica, mais ou menos intensamente. Em periodo que já vai apagado, bom cuidado era na familia operaria entrar de «irmão» em ordens e confrarias; e se, quanto ás ordens, o pensamento vingava utilidades, como por exemplo na doença, nas restantes corporações religiosas quasi se limitavam os beneficios ás efêmeras recompensas da alma—que era o problema do Além.

Os tempos positivamente, o amor e a fraternidade humana, avançando pela mão da Sciencia e do Trabalho—as duas forças propulsoras—trouxeram organizações mais socializadas, sendo por esse caminho que votaram as classes operarias, pois que a isso as levava o grande problema de miseria, que ante-olhavam em face das constantes crises de trabalho que, no seu cortejo, os progressos industriais traziam. Na nossa terra, terra que é a mais activa colmeia do Minho, há alguns anos que também, a serio, o operariado vem por si fundando, ao lado das suas associações de classe, as caixas de socorros, achando nós interessante e, sob o aspecto da propaganda, util oferecer aqui um quadro da mutualidade operaria entre nós.

Associação da Classe dos Cortidores e Surradores

Caixa de socorros anexa, fundada em 1901:

Capital social existente... 1.977.995
Subsídios prestados... 919.360

Quota semanal por cada socio, 40 réis.

Destes 40 réis, 20 réis são para a Associação e 20 réis para a caixa de socorros.

Associados inscritos 187.

Nota: Tem ao presente 5 socios inválidos que percebem 40 réis diários cada um. O capital está convertido em inscrições, com uma pequena quantia em caixa.

A Associação propriamente dita tem um capital de 273.235 réis.

Associação da Classe dos Operarios Fabricantes de Calçado

Caixa de socorros anexa, fundada em 1905:

Capital social existente... 725.550
Subsídios prestados, inclusive de donativos... 213.000

Regulamento: Em caso de doença ou inabilidade—nos primeiros 30 dias, 200 réis; nos segundos 30 dias, 160 réis; nos terceiros 30 dias, 100 réis.

Quota semanal, por cada socio, 50 réis.

Destes 50 réis, 20 réis são para a Associação e 30 réis para a caixa de socorros.

Associados inscritos 124.

Nota: A actual direcção tenciona propôr o aumento dos socorros aos socios. O capital desta caixa está convertido em inscrições e depositado á ordem.

Associação da Classe dos Operarios Alfaiates e Costureiras

Caixa de socorros anexa, fundada em 1910:

Capital social existente... 195.725

Regulamento: Em caso de doença ou inabilidade—nos primeiros 30 dias, 100 réis; alem deste periodo, 300 réis por semana, durante um mez e uma vez por ano.

Quota semanal, por cada socio, 30 réis.

Associados inscritos 143.

Nota: Este capital está convertido em inscrições, com uma pequena quantia em caixa. Não tem distribuido subsidios nem lhe teem, até ao presente, sido reclamados.

Associação Funebre Operaria Familiar Vimaranesa

Fundada em 1908.
Receita... 956.030
Despesa... 607.365

Em caixa... 348.665

A despesa compreende 68 enterros a diversos associados.

Quota semanal—20 réis.

Direitos dos socios: Decorridos 10 mezes da data da inscrição, a Funebre faz ao associado falecido, ou a sua esposa, um enterro na importancia de 12.000 réis. Os filhos dos associados também teem, até aos 14 anos, direito ao enterro, subsistindo este para as filhas solteiras, seja qual for a sua idade.

Existem mais a «Associação de Classe dos Operarios de Industria Textil», «Associação de Classe das Quatro Artes de Construção Civil» e «Associação de Classe dos Marceneiros e Artes Correlativas», as quais, porque foram fundadas há pouco, trazem por isso ainda em organização as suas Caixas de Socorros.

Eis em notas ligeiras o movimento e a vida mutual no seio da classe operaria—em elaboração, pode dizer-se. Não falamos aqui na «Associação Artística Vimaranesa» (Socorros Mutuos) nem tampouco no «Circulo Catolico de Operarios», organizações fundadas por trabalhadores e destinadas a defenderem-nos na doença, no desemprego e na velhice, como rezam as suas leis estatutárias; mas se, quanto á primeira, há a lamentar que desde o seu inicio (1873) não fosse regida e administrada só por operarios, quanto á segunda há antes a lastimar que os honestos operarios se deixassem iludir com essa *democracia cristã* enxertada num plano de opposição ao avanço enorme da verdadeira democracia, a unica em que andam empenhados os operarios de todo o mundo. Inquinada a primeira, pois não é, positivamente, como a sonharam, os seus fundadores, uma colectividade de operarios e só para estes, resta, quanto á segunda, que a abandonem de vez todos quantos, moirando no trabalho, nos seus redutos de classe teem o melhor e mais amplo campo para afirmarem esse principio que é a solidariedade e o amor reciproco entre os companheiros.

E, para terminar, de justiça é pôr bem saliente a honestissima e honrada administração dada a estas associações, facto este que neste periodo historico de revelados e escandalosos adiantamentos em bancos, irmandades e quejandas «confrarias», representa bem um titulo de gloria que, de certo modo, muito deve orgulhar os modestos operarios, seus fundadores e dirigentes.

Uma lei da Republica

Movimento do Registo Civil no concelho de Guimarães, desde 1 de Abril a 31 de Dezembro de 1911

Em 9 mezes nascem	1.594
Morrem	1.321
Saldo a favor	273

O registo civil, como resa o art. 1.º da lei, «destina-se a fixar autenticamente a individualidade jurídica de cada cidadão e a servir de base aos seus direitos civis». Foi o registo civil, como todas as reformas de direito moderno, combatido ferozmente pelos tonsurados da Santa Madre Igreja; não porque contra ele opozessem argumentos discutíveis sequer, mas, sim, porque a inovação vinha arrancar-lhes das mãos um privilégio, e privilégio tanto mais importante quanto é certo que representa esse rol dos nascimentos, obitos e casamentos, uma lei básica do Estado.

Espalhou-se em principio, fez-se acreditar ás almas ingênuas que o registo civil era um produto da maçonaria para combater a Religião; recorreu-se mesmo á ameaça da excomunhão e mais á recusa dos serviços da igreja áqueles que, cumprindo o seu dever, ao posto do registo fôsem. Que dizemos?! Ainda hoje, ainda nesta altura se denota essa surda e rancorosa campanha, não por parte de padres inteligentes, com espirito esclarecido, mas por aqueles que, julgando-se fóra deste século, lamentam que a consciencia humana, como um pueril brinquedo, não esteja fechada na palma da sua mão dominadora. A confirmar esta má vontade, sabemos que alguns registos estão averiguadamente falsificados, devido a certas criaturas que a êle acorrendo, só pelo receio da justiça, hostil e calculadamente substituíram os seus verdadeiros nomes.

Louvavel e, pelo contraste, consolador se oferece o exemplo do pároco de Santo Estevão, pois que, esclarecendo os seus paroquianos á hora da missa conventual, lhes fez vêr dos inconvenientes que resultariam, contra os mesmos, do facto de omitirem ou trocarem os verdadeiros infomes no momento de fazerem os seus registos civis.

Entretanto, saiba-se que em 9 mezes se fizeram no concelho 3.181 registos; sendo 1.594 nascimentos, 1.321 obitos, 263 casamentos e 3 perfilhações. Além da Repartição Central, há postos em Vizela, Taipas, Pevidem, S. Torquato, Ronfe, Guardizela, Arosa, Santo Estevão de Briteiros, Santa Leocadia de Briteiros e Hospital da Santa Casa.

Evidentemente somos obrigados a reconhecer a insuficiencia destes postos, pois se trata dum concelho servido por 81 freguezias, divididas numa área extensa, compreendendo-se bem dos inconvenientes que esta circunstancia ocasiona á sua população. São, portanto, justissimos todos os esforços que o digno official do Registo Civil, sr. Dr. José Bernardino, empregue no sentido de fazer aumentar o numero dos mesmos.

A alguns párocos foram apreendidos os arquivos paroquiais, devido a serem-lhes applicadas as penalidades que a citada lei prescreve, e dizem respeito aos que abandonem a paróquia, aos que fizerem baptizado ou casamento etc., sem que os paroquianos estejam munidos da certidão do registo civil e ainda por morte daquele.

Voltaremos ao assunto para uns esclarecimentos práticos.

**Em Foco****«Já te matei, ó máscara»**

Ouve, leitor circumspecto: Não vou,—em tal não cáio,—desenrolar-te em fita cinematográfica esse carnaval, misto de folião e grotesco, o carnaval que te faria, á certa, bocejar e morrer de tédio, se ele não trouxesse consigo as seduções da apreciavel orelheira de pórcio com feijão; não vou, descança, fazer-te uma apologia inútil desse carnaval, que é, a bem dizer, a paródia, o simulacro, o lixo da vida, não é assim?, porque, para o fazer, para bem o poder fazer, seria necessario que, ao menos uma vez, por descuido, eu tivesse entrado nele, a serio, que é como quem diz, a valer,—privilégio esse que todo pertence aos «reïnadios», o que é qualidade que jámais possui. Deixa-me, todavia, que sem prejuizo da critica me perpasso em mente o quanto deve gosar, foliar, divertir-se a mocidade, quando animada pelos prodigios secretos dum dominó, se inebria e perde nos turbilhões das valsas e no enredo mágico das serpentinas... Te que, de sensação em sensação, um braço de mulher a cinja e arraste para os enigmas polvilhados dos cotés onde, entre muitas coisas banais, se fala de amor—em falso. Ah! concordemos que deve ser... «bonsissimo»! Não des, embora, conceituoso leitor, «um pataco», por este juizo: o que não porás em duvida, para bem da opinião que de ti faça, é que o carnaval não seja um optimo pretexto para o riso—esquecimento... riso que, como uma vertigem rajada pelo iris da alegria, enche, quando muito — que diabo! — o minuto duma hora. Depois, passado esse intervalo onde se sorve da ventura «a extranha taça», a mascara cáí,—é a realidade que surge...

Que digo?! E' o eterno carnaval, o carnaval de todos os dias, exibindo no tablado social, por diferentes modos e disfarces, a mascara ignobil, a pulha mascara humana!

Repára, vê tu a mascara-adjectivo, o forte dos grandes e pequenos monstros de informação:

Protecção aos animais

Não é raro o ouvir falar na brandura dos nossos costumes, como característica dum povo cheio de resignação e amor do proximo; mas esse sentimento de meridianais está ainda bem mal orientado, e a cada passo se traduz por actos de insanias e egoismo. O homem procura aumentar a maior soma de bens, e diminuir e evitar o mal. Nisto consiste a civilização.

O homem não vive só por si, precisa de Natureza inteira, de que é parte integrante, e, aperfeiçoando-se, deve também aperfeiçoar o meio em que vive, os usos que o rodeiam e as suas condições vitais.

As sciencias, as artes, as indus-

—Não há criança recém-nascida que não seja «robusta», pela mesma razão que não se noticia uma esposa que não seja «virtuosa». Comerciante é sempre «bemquisto», como noiva sempre é «prezada». Estudante estás a vêr que é «laureado», e um juiz é praxe que seja integérrimo. Se se trata dum correspondente junta-se-lhe «solcito», e entre colegas serve a fórmula «presado». Industrial é «activo», para todos os efeitos, pelo motivo original de que todo o militar é «brioso». Sabe-se que não há titular que não seja «nobre», e também não se ignora que actores só os há «festejados». Funcionário pela certa que é «zeloso», e, se ouvirmos acaso discutir o epítáfio dum rubiscador, mesmo da nossa laia, com certeza que o maior numero de votos é para que se lhe abra no alto o comprometedor elogio de—«jornalista distinto». Simplesmente obscena a mascara—adjectivo!

Mas esta mascarada, esta entrudada viscosa — para o maior numero ainda coisa mui apreciavel e de valia pelo seu gongorisimo lantejoulado e farfalhante— não é nem mais nem menos que o deboche do elogio, acredita. Ora, mas só agora reparo que, indifferentes á minha filosofia, além vejo a Mentira com o pierrot do triunfo, Iscariot com o manto de Jesus, Marafona toucada com flores de laranjeira, Cicero arremedado por um dentista de feira, Arlequin com a vara da Justiça, Rotchilde com a túnica de Job, Donini e Frégoli santificados, e, como se tudo isto não bastasse, não fosse suficiente como obra de caricatura social, ainda nos aparece—Couceiro com botas de Napoleão! Sébo!

Perdôa, circumspecto leitor: mas se este carnaval, que enche tão sómente alguns dias durante o ano, te aborrece e te entedia, que dizer, sim, que dizer desse carnaval, que enche toda a vida na Terra?!

... Embora não des um pataco por este juizo!

C.

CENTRO REPUBLICANO CONVITE

São convidados os socios do Centro Republicano para em assembleia geral, que terá lugar no dia 24, pelas 20 h30 horas, apreciarem as contas da ultima gerencia, discutirem o «Regulamento», e elegerem um membro para a Direcção vago pela ausencia do seu Presidente. Não havendo numero legal, fica a mesma adiada para terça-feira, á mesma hora.

O SECRETARIO—A. L. de Carvalho.

aguas não teriam regimen; emfim a vida seria ainda impossivel sem a respiração das plantas, que purificam, depuram e tornam o ar respiravel aos animais!

Para garantir a vida e prosperidade das plantas uteis a sciencias criou processos métodos e leis.

A festa da arvore, as festas de Cérés, o culto da Tolossi, ou arvore sagrada dos Indus, são outros tantos meios pelos quais a humanidade reconhece a imprescindivel utilidade das plantas, e até as tem divinizado, para melhor as garantir, mas, a par disto, quantos descalabros a ignorancia tem cometido e continuará a cometer! Ainda não ha muitos anos que, nas serras do Gerez, para colher os medronhos duma só arvore, se lançava fogo ao mato, afim de que o medronheiro tombasse sob a acção candente da chama, e, com tal barbaridade, largos tractos da montanha se despovoaram, deixando o sólo nu, e sujeito á acção das neves e das torrentes, numa esterilidade que os propagava a grandes distancias. Foi necessario o emprego da força, da intelligencia e energia dum ministro já falecido, para principiar o repovoamento e regularisação, que anos e talvez seculos de vandalismo, tinham produzido!

Urge pois dispensar o nosso cuidado, intelligencia e até amor ás plantas, que tantos beneficios nos proporcionam, tanto embelezam a vida, e até nos alimentam.

Volvamos agora os olhos para outro campo ainda mais interessante: os animais, os nossos irmãos inferiores, nossos servos dedicados, nossos companheiros de trabalho, sofrendo e amando como nós, e dedicando a sua obscura existencia ao serviço e bem estar do homem, dando a sua vida para nos alimentar, e até dedicando-se em nossa defesa!

Os animais têm virtudes que sobrelevam em muito as dos homens. Vêde com que carinho, amor e solicitude eles criam e amparam a sua próle, sacrificando até a vida em defesa dos filhos! Rarissimos são os que os abandonam como tão frequentemente succede ao homem, mais descaeravel, mais agarrado aos falsos preconceitos de honrado pudôr, mentindo assim aos deveres da fraternidade, e da protecção que devem merecer os fracos e innocentes!

Quando o homem quer representar a alta concepção da fidelidade, da ternura, da coragem, pinta o cão, a rôla, o galo, e nos escudos heraldicos, com que o orgulho e vaidade humana quer perpetuar virtudes dos seus maiores, lá estão symbolos de animais a traduzir esses factos.

Quantos exemplos de adoravel e desinteressado affecto nos dão os animais, especialmente o cão? Quantos de são discernimento e delicada caridade nos dão esses a que chamamos brutos, e todavia o cão do cego não abandona o seu dono pobre e miseravel, lambe-lhe as feridas, defende-o heroica e corajosamente, e morre de dôr sobre o seu humilde tumulo!

O elefante, esse colosso do reino animal, tem finas delicadezas, rasgos de caridade e amor que envergonhariam muitos homens que se presam de ser cultos e illustrados!

O proprio leão, esse rei sanguinario das florestas adustas da velha Africa, tem por vezes altos feitos de gratidão e amor ao homem e até aos pequenos animais!

Quem se não recorda dessa formosa lenda do escravo romano fugido para o sertão e vivendo na caverna duma leão a quem tinha arrancado um espinho, que a fazia sofrer intensamente, operação que foi o pacto de aliança e amizade entre a fera e o homem? Mais tarde, preso o homem e a fera, viu o povo romano o inacreditavel e tocante espectáculo do escravo lançado na arêna á voraci-

dade dos animais ferozes, ter a defendê-lo, a lambe-lhe carinhosa e amavelmente as mãos a leão reconhecida, que encontrava affim o seu amigo perdido! E tão grande foi a lição dada ao povo, tão fundo calou no animo de todos este alto exemplo de gratidão e amor duma fera, que d'ahi em diante homem e leão percorriam mansamente as praças da grande metrópole, sob a protecção e affecto publicos! A semente do bem e da caridade nunca se perdem, fructificam e produzem maravilhosamente e, quasi pode dizer-se, melhor nos animais, que no homem.

(Continua). Y.

«Esmagas sob o espartilho
Um seio alto e perfeito
E a boquilha do teu filho
A mamar num outro peito!»



Circulares. — Em circular, participa-nos o sr. Camilo Alves de Almeida, que deixou de fazer parte da firma Cardoso e Almeida, casa Alemão.

Mais nos participa que abriu no dia 5 de Fevereiro, no Campo do Toural, n.º 12 e 13, o seu novo Estabelecimento de Fazendas Brancas e Confecções.

Tambem em circular nos participa o sr. Albino Pereira Cardoso, que por escritura lavrada nas notas do notario desta cidade, sr. João Joaquim de Oliveira Bastos, deu sociedade a seu irmão sr. Domingos Pereira Cardoso, antigo empregado na casa, ficando a girar a firma sob a denominação de Cardoso & Itmão.

O Carnaval. — As duas casas de espectaculos, o Salão Artístico e o Teatro D. Afonso Henriques ofereceram no domingo e terça-feira de Carnaval grande animação. No primeiro representaram comédias um grupo de amadores, e no segundo foi o cinematografo que fez o cartaz. Devemos á verdade noticiar que no nosso primeiro teatro se fez carnaval... como há muitos anos não estavamos habituados a ver entre nós. Nas ruas alguns carros e algumas máscaras, estas muito pelintras. Só os estudantes do nosso Liceu é que coloriram, com um pouco de espirito, a tarde de terça-feira, fazendo cortejo da estação ao Largo da Oliveira, onde houve discursos apologeticos em proveito e graça do nosso inolvidavel João das «Doutrinas» — o das «24».

Faleceu ontem, na Santa Casa da Misericórdia, o sr. Ilidio Ribeiro, pae do sr. Ilidio Ribeiro Dias, mestre da fiação da Fabrica da Avenida.

Pêsames.
Festa associativa. — Organisa a Associação dos Cortidores e Surradores uma festa solenizadora do seu aniversario para 25 de Março proximo.

Transcrevendo. — Os versos que semeamos neste numero pertencem ao livro «Canto da Cigarra» de Augusto Gil.

Brinde. — O premio, alfinete de ouro, oferecido no Salão Artístico na noite ultima do Carnaval coube á mascara Joaquim Neves.

Discurso. — Falou no parlamento sobre a concessão da linha ferrêa do alto Minho o nosso deputado e conterraneo dr. Eduardo de Almeida.

Incendio. — No ultimo domingo, pelas 2 1/2 horas, deram as torres sinal de incendio ao mesmo tempo que caia uma formidavel carga de agua.

Prontamente montadas tres agulhetas com trezentos metros, funcionando apenas duas contra um barracão de José Bento, num quintal da rua Trindade Coelho (Caldeirã), onde o incendio se manifestara, tendo, porém, ardido já bastantes couros e barricas de graxa ali depositadas, havendo um prejuizo de 400000 réis.

Os nossos bombeiros depressa conseguiram dominar o incendio retirando pelas 4 1/2 horas.

Liceu. — Breve será distribuido o «Relatorio Anual» do Liceu desta cidade. E' dos estabelecimentos similares do país o que mais frequencia apresenta.

Lei da Separação. — Prosseguem os arrolamentos dos bens do Estado na posse das Igrejas. Hoje devem inventariar-se as igrejas de S. Miguel, Silvaes e S. Jorge.

Excursão. — Foi escolhido o dia 5 de Maio para uma excursão operaria do Porto a esta cidade. Esta visita foi combinada entre os companheiros das duas cidades.

Visitas. — Passou entre nós o Carnaval o sr. dr. Miguel Tómbim adjunto ao Tribunal das Trinas, em Lisboa.

Pancadaria. — No domingo e terça-feira de carnaval, alta madrugada, deram-se desordens de gravidade entre a policia e rufias de vária especie. Voltaremos ao caso, pois é conveniente reprimir severamente meliantes desordeiros que, julgando-se impunes, são uzeiros e vezeiros no cometimento destas proezas.

Mercado semanal. — No mercado semanal ultimo, venderam-se os generos pelos seguintes preços:

Trigo	980
Centeio	700
Milho alvo	780
Milhão branco	660
» amarello	640
Feijão vermelho	12250
» branco	12150
» canário	840
» rajado	700
» fradinho	750
Vinho tinto	12250
Aguardente	50000
Azeite	80000
Batatas	600
Ovos, duzia	140
Gallinhas, uma	650

Descaço nas farmácias

No proximo domingo encontra-se aberta a farmácia Alves Mendes.



Sessão ordinaria de 27 de Dezembro de 1911

—Do cidadão vogal da Comissão Administrativa sr. José Ribeiro de Freitas, com data de ontem, pedindo que, em conformidade com o disposto no artigo 24.º do Código Administrativo vigente, lhe seja concedida licença por tempo indeterminado, visto ter de assumir um cargo de que lhe advêm afazeres que lhe não permitem poder contiunar, pelo menos temporariamente, a exercer as funções de vogal desta Comissão. Concedida.

—Do sr. Inspector de Finanças do Districto de Braga, sob n.º 1290 com data de 26 do mês

corrente, pedindo que lhe seja enviada uma nota do numero de litros de vinho verde e outra de vinho maduro que pagaram imposto municipal desde 1 de janeiro a 30 de novembro do corrente ano. Deliberou satisfazer.

—Do sr. Chefe de Inspeção no Districto de Braga, em serviço na Repartição de Finanças deste concelho de Guimarães, com data de 21 do corrente mês, esclarecendo que da nota que solicitou por officio do dia 10 basta constar a quantidade de litros de vinho que pagou o devido imposto municipal desde um de Janeiro a trinta de Novembro do corrente ano. Inteirada.

—Do sr. Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, com data de 23 do mês corrente, enviando um documento pelo qual se mostra que a mesma Sociedade satisfiz no corrente ano os seus encargos relativos ao emprestimo de 5.000.000 réis, contraído em 1 de Maio de 1906, e garantido por esta municipalidade. Inteirada.

—Do sr. Presidente da Comissão Paroquial da freguezia de Guardizela, com data de 26 do mês corrente, chamando a attenção desta municipalidade para o mau estado em que se encontram os caminhos municipaes naquela freguezia, e pedindo para que no orçamento municipal seja incluída uma verba para a sua reparação. Ao empregado Abilio Fernandes Guimarães para organizar o respectivo projecto e orçamento das obras que se tornam de necessidade fazer nos caminhos alludidos.

Editos de 30 dias

(1.ª Publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão abaixo assinado, no inventario orfanologico a que se procede por fale-

cimento de Felicidade Rita de Oliveira, moradora que foi na rua de D. João 1.º, da cidade de Guimarães e em que é inventariante o viuvo da finada, Eduardo da Silva Guimarães, correm editos de trinta dias citando os credores Antonio de Freitas Guimarães e mulher Josefina Portinho Bastos, José de Freitas Guimarães, solteiro, maior e Joana Maria de Freitas, e marido João Corrêa, residentes na cidade do Rio de Janeiro, Estados Unidos do Brazil e filho de João de Freitas e Jeronima Maria Mendes, para no mesmo inventario deduzirem, querendo, os seus direitos, sem prejuizo de andamento do mesmo.

Guimarães, 6 de Fevereiro de 1912.

Verifiquei.

P. de Rezende.

O escrivão do 6.º officio,

João Joaquim de Oliveira Bastos.

APROVEITEM!

Importante e vantajosa venda

Está a demolir-se a praça de touros da FEI-JOEIRA, vendendo-se lenha e madeira por preços baratissimos.

Quem pretender dirija-se áquele local, desde hoje em diante, onde se vende qualquer quantidade.

Guimarães, Fevereiro de 1912.

EDITAL

PESOS E MEDIDAS

Afim de não passarem como inobservantes os constructores de medidas de capacidade, metalicas ou de madeira, publico as dimensões que devem ter as referidas medidas. Porém, se não forem feitas sob rigorosa bitóla serão regeitadas e apreendidas.

Nas medidas usadas para liquidos que entrarem na alimentação não se admite o zinco, o cobre ou as suas ligas não estanhadas.

Nas medidas para secos não

se admite madeira de pinho ou cerdeira, devendo ser só madeira de castanho, carvalho, nogueira e freixo.

Os mesmos constructores não podem vender ao publico medidas ou pesos, mesmo que tenham sido feitas com toda a rigorosidade, sem que tenham uma punção de aferição de qualquer concelho, que certifique a sua exatidão, sob pena de multa de 500 réis por cada medida ou peso vendidas fóra destas condições.

Para as medidas cilíndricas

Para as medidas paralelepipedicas

NOMES	Altura e diametro em milímetros	NOMES	Lado da base em milímetros	Altura em milímetros
Duplo hectolitro	634,0	Hectolitro	600	280
Hectolitro	503,1	1/2 Hectolitro	450	248
1/2 Hectolitro	399,3	Duplo decalitro	300	222,3
Duplo decalitro	294,2	Decalitro	272,1	195,1
Decalitro	233,5	1/2 Decalitro	214	169,2
1/2 Decalitro	185,5	Duplo litro	151,1	83,2
Duplo litro	136,6	Litro	118	72
Litro	108,4	1/2 Litro	92,1	59
1/2 Litro	86,0	1/4 De litro	73,8	46
1/4 De litro	68,3	Duplo decilitro	69	42
Duplo decilitro	63,4	1/2 De litro	57	38,5
1/2 De litro	54,2	Decilitro	52	37
Decilitro	50,3	1/4 Decilitro	41	30
1/4 Decilitro	39,9	Duplo centilitro	31	21
Duplo centilitro	29,5	Centilitro	23,5	18,5
Centilitro	23,4			

O serviço de punçar medidas ou pesos para depois serem vendidos, é gratuito e será feito todas as 5.ª feiras de cada semana, salvo se houver serviço extraordinario fóra da séde da aferição, então

ficará para o dia immediato. Guimarães e aferição de pesos e medidas, 10 de fevereiro de 1912.

O aferidor interino,

Avelino da Silva.

A MODA EM GUIMARÃES

Encontra-se sempre na CHAPELARIA e GRAVATARIA MARTINS, unico estabelecimento que apresenta ultimas novidades em Chapeus, Bonets, Gravatas, Collarinhos, Suspensorios, Peugas, Lenços, Ligas para homem, Botões de punho, Bengallas e Guarda-chuvas.

ARTIGOS PARA MILITARES

CACHE-COLS

SAPATOS DE BORRACHA

Agente da casa de carimbos de borracha de JOÃO H. VIEIRA, de LISBOA

MANOEL C. MARTINS

7, Passeio da Independencia, 9—GUIMARÃES

PADARIA

Joaquim de Sousa Neves

Especialidade em BISCOU, e pão de milho

Rua da Liberdade (à Cruz de Pedra)
GUIMARÃES



DE **LOJA DO BENJAMIM**
Benjamim de Mattos—Toural, 105—GUIMARÃES

Estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão; fazendas brancas e miudezas, malhas e perfumarias.

A casa que tem melhor sortido e que mais barato vende todos os seus artigos

RENDAS—Bordados a peso e ás peças—Lenços e Echarpes de seda—Pannos para enxovaes etc.

Sabonetes marca BENJAMIM e PRINCEZA a 100 e 60 reis.

Sempre saldos de occasião



ATENÇÃO—Por causa dos falsificadores de taboletas, publica-se a photogravura do chefe da casa, para evitar confusões.

Correspondente das principaes fabricas de Bicycletes, camaras d'ar, pneumaticos e todos os accessorios para Bicycletes.—PREÇOS BARATISSIMOS

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Emprésta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80
(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para foppar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios
DEPOSITO DE MALAS
VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

Abilio d'Almeida Coutinho 113, Rua da Republica, 115

Solicitador encartado Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras.

Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se somente com os interessados.

ALVORADA

Ao Cidadão